Globethics Repository



A Hermenêutica da Ressurreição em Jon Sobrino [The Hermeneutics of the Resurrection in Jon Sobrino]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Anónimo
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-11-15 09:24:02
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/162322

nós nos envolvêssemos numa discussão verdadeira sobre o que deve ser a universidade brasileira, porque certamente ela não corresponde aos anseios da nossa sociedade. Então, eu não sou inteiramente pessimista no que diz respeito à educação. Pode ser até um viés distorcido pela proximidade, mas, de qualquer forma, é o meu sentimento nesse momento.

***IHU On-Line* - A oposição está em crise no Brasil ou não está criticando o governo porque tem interesses, já que a maioria dos partidos estão se aliando ao PT?**

Aloísio Teixeira - A vida política partidária sempre implicará em interesses, mas o que une essa coisa toda são os discursos de amplitude maior e, na verdade, a oposição está sem discurso. Quer dizer, enfrentou um processo eleitoral já com um discurso meio confuso e no pós-eleição, com essa movimentação de constituição de uma base de governo tão ampla como o governo tem perseguido, a oposição está sem o que dizer. Não seria de se estranhar se houvesse um movimento de reposicionamento em termos de partidos políticos, porque as diferenças entre parte do PT, parte do PSDB e parte do PMDB são mínimas. Eu imagino que ainda haja setores mais conservadores, mais da esquerda, que precisam encontrar caminhos e formas de inserção partidárias diferenciadas. Então, eu acho que é verdade: há uma crise no sentido do esvaziamento de um discurso oposicionista, mas acho que isso pode ser um prenúncio de que alguma coisa precisa acontecer a fim de que as opiniões possam aparecer de uma forma mais clara.

Teologia Pública

SOBRE A CENSURA DO VATICANO AO TEÓLOGO JON SOBRINO

Continua repercutindo intensamente a censura à obra de Jon Sobrino. As* Notícias do Dia *da página* www.unisinos.br/ihu *tem noticiado o fato amplamente. Confiram em especial as entrevistas com o Prof. Dr. Luiz Carlos Susin, II Fórum Mundial de Teologia e Libertação, publicada em 09-02-2007, bem como o depoimento de Érico Hammes e Susin em 15-03-2007, e o artigo do Prof. Dr. Faustino Teixeira, Uma cristologia que incomoda: a notificação das obras de Jon Sobrino, de 15-03-2007.

A seguir, confira o artigo da teóloga Ana Formoso, graduada e mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), com a dissertação* A teologia da ressurreição em Jon Sobrino. *O texto foi escrito com exclusividade para a* IHU On-Line. *Formoso é consagrada da Comunidade Missionária de Cristo Ressuscitado, e trabalha no Instituto Humanitas Unisinos (IHU), no Programa de Teologia Pública. É professora nos cursos de Teologia Popular na Escola Superior de Teologia Franciscana (ESTEF). Na edição 172 da* IHU On-Line*, de 20-03-2006, concedeu a entrevista* O Jesus humano de Scorcese, *adiantando aspectos sobre o filme* A última tentação de Cristo, *que comentou dentro das atividades da Páscoa 2006, Jesus no Cinema.

A Hermenêutica da Ressurreição em Jon Sobrino

1) Contextualização de sua teologia

A teologia da ressurreição é certamente um tema complexo e tem sido objeto de muitas controvérsias, relativas não à ressurreição em si mesma, mas à forma de compreendê-la ou torná-la mais acessível e à maneira pela qual a história humana é por ela afetada e modificada[7]. Isso é agudizado pelo problema do que se entende, de fato, por história.

Até o Concílio Vaticano II pouco ou nada tratava a Teologia católica da ressurreição de Jesus. Ela não era objeto de especial consideração nem em Cristologia nem em Soteriologia, mas a relegava para a apologética. Perante o novo contexto, teólogos católicos e luteranos vêm se esforçando por tornar a fé na ressurreição mais acessível, de modo a responder aos desafios culturais contemporâneos.

É dentro deste contexto que situamos Jon Sobrino, teólogo da Libertação, que se deixou marcar profundamente pelos questionamentos da época, buscando sempre novas mediações na filosofia, na teologia católica e luterana e na sociologia, como importantes instrumentos de leitura da realidade.

Jon Sobrino é, provavelmente, o cristólogo mais marcante da América Latina. Sua cristologia tem-se desenvolvido ao longo de mais de vinte e cinco anos de publicações, caracterizando-se pelo contexto histórico particular. O compromisso com os pobres e injustiçados reflete sua inquietação permanente pela explicitação de uma teologia de libertação.

Ao descrever sua trajetória teológica, Jon Sobrino afirma que, durante sua juventude e nos primeiros anos de vida como sacerdote jesuíta, a vivência da fé e da vocação, pelas dificuldades que apresentavam, desafiavam muito mais a vontade que a inteligência, isto é, não o levaram a refletir. Entretanto, neste período, chamado por ele de etapa prévia de sua vida, foram lançadas as raízes e as sementes, e estavam implícitas muitas perguntas e o modo de pensar que desabrochariam mais tarde. A essa etapa prévia, sucederam-se dois momentos significativos que ele compara a um duplo despertar: do sono dogmático e do sono da cruel inumanidade. O despertar do sono dogmático foi uma sacudida forte e dolorosa, provocada pela primeira Ilustração, que derrubou muitos conceitos referentes à fé e exigiu a reformulação de outros. Acontece que, durante o curso de Filosofia e Teologia, estudou os filósofos modernos e, especialmente, os grandes mestres da suspeita - Kant[8], Marx[9], Sartre[10],

[7] LEON- DUFOUR, X. *Resurrección de Jesús y mensaje pascual*. Salamanca: Sígueme, 1973, p. 27-31 e 41-65.

[8] **Immanuel Kant** (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo, indiscutivelmente um dos seus pensadores mais influentes da Filosofia. Kant teve um grande impacto no Romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, tendo esta faceta idealista sido um ponto de partida para Hegel. A *IHU On-Line* número 93, de 22-03-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador. Também sobre Kant foi publicado este ano o Cadernos IHU em formação número 2, intitulado *Emmanuel Kant - Razão, liberdade, lógica e ética*. Os Cadernos IHU em formação estão disponíveis para *download* na página www.unisinos.br/ihu do Instituto Humanitas Unisinos – IHU. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si (*noumenon*) não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendera a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas *a priori* da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. (Nota da ***IHU On-Line***)

[9] **Karl Heinrich Marx** (1818–1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. Marx foi estudado no Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia, promovido pelo IHU. A palestra *A Utopia de um novo paradigma para a economia* foi proferida

Unamuno[11] - bem como a exegese crítica e a demitologização de Bultmann, a modernidade e a desabsolutização da Igreja.

Em relação à teologia, o específico deste despertar, como ele mesmo afirma, foi a descoberta do tríplice mistério: de Deus – mistério por excelência – santo, totalmente próximo e não manipulável; do ser humano e da realidade. Essa importante descoberta gerou em Jon Sobrino a convicção de que o mistério possui, ao mesmo tempo, excesso de obscuridade e excesso de luminosidade. Aos poucos, ele aprendeu a vê-lo desde o excesso de luminosidade. Seu grande mestre deste período foi, particularmente, Karl Rahner[12]: "A teologia de Rahner – para dar um exemplo do maior e mais benéfico impacto que tive - acompanhou-me durante aqueles anos, e suas páginas sobre o mistério de Deus continuam me acompanhando até o dia de hoje"[13]. Explicitamente, o A. nada escreveu sobre o mistério, mas essa descoberta teve conseqüências decisivas para sua trajetória teológica, constituindo uma espécie de substrato teológico. Para ele, todo conhecimento teológico participa do mistério, e a razão mais profunda do seu interesse pela Cristologia reside na certeza de que Jesus de Nazaré remete-nos ao mistério de Deus e do ser humano: na relação desses dois mistérios aparece o mistério total. E, mais tarde, ao escrever sobre o pobre, teve em conta – além de sua dimensão histórica, social e política - acima de tudo, o pobre como produto do pecado e da opressão humana[14].

Foi forjando sua linha de pensar e seu fazer teológico no confronto com a injustiça e a opressão de El Salvador, numa Igreja latino-americana que, pouco a pouco, se abria à causa privilegiada do Evangelho de Jesus Cristo: os pobres. Neste contexto, aconteceu o despertar do sono da cruel inumanidade. Foi uma sacudida, ao mesmo tempo, forte e alegre, levando-o a perceber que o Evangelho, *eu-angelion*, não é só uma verdade a ser reafirmada, mas uma boa nova que produz alegria. O

---

pela Prof.ª Dr.ª Leda Maria Paulani, em 23 de junho de 2005. O Caderno IHU Idéias, edição número 41, teve como tema *A (anti)filosofia de Karl Marx*, com artigo de autoria da mesma professora. (Nota da ***IHU On-Line***)

[10] **Jean-Paul Sartre** (1905-1980): filósofo existencialista francês. Escreveu obras teóricas, romances, peças teatrais e contos. Seu primeiro romance foi *A náusea* (1938), e seu principal trabalho filosófico é *O Ser e o Nada* (1943). Sartre define o existencialismo, em seu ensaio *O existencialismo é um humanismo*, como a doutrina na qual, para o homem, "a existência precede a essência". Na *Crítica da razão dialética* (1964), Sartre apresenta suas teorias políticas e sociológicas. Aplicou suas teorias psicanalíticas nas biografias *Baudelaire* (1947) e *Saint Genet* (1953). *As palavras* (1963) é a primeira parte de sua autobiografia. Em 1964, foi escolhido para o prêmio Nobel de literatura, que recusou. (Nota da ***IHU On-Line***)

11 **Miguel de Unamuno y Jugo** (1864-1936): escritor, poeta e filósofo espanhol. (Nota da ***IHU On-Line***)

[12] **Karl Rahner** (1904-2004): importante teólogo católico do século XX, ingressou na Companhia de Jesus em 1922. Doutorou-se em Filosofia e em Teologia. Foi perito do Concílio Vaticano II e professor na Universidade de Münster. A sua obra teológica compõe-se de mais de 4 mil títulos. Suas obras principias são: *Geist in Welt* (O Espírito no mundo), 1939, *Hörer des Wortes* (Ouvinte da Palavra), 1941, *Schrifften zur Theologie* (Escritos de Teologia), 16 volumes escritos entre 1954 e 1984, e *Grundkurs des Glaubens* (Curso Fundamental da Fé), 1976. Em 2004, celebramos seu centenário de nascimento. A Unisinos dedicou à sua memória o Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do século XXI, realizado de 24 a 27 de maio daquele ano. A *IHU On-Line* n.º 90, de 1º-03-2004, publicou um artigo de Rosino Gibellini sobre Rahner; e a n.º 94, de 2-03-2004, publicou uma entrevista de J. Moltmann, analisando o pensamento de Rahner. No dia 28 de abril de 2004, no evento Abrindo o Livro, Érico Hammes, teólogo e professor da PUCRS, apresentou o livro *Curso Fundamental da Fé*, uma das principais obras de Karl Rahner. A entrevista com o prof. Érico Hammes pode ser conferida na *IHU On-Line* n.º 98, de 26 de abril de 2004. Ainda sobre Rahner, publicamos uma entrevista com H. Vorgrimler no *IHU On-Line* n.º 97, de 19-04-2004, sob o título *Karl Rahner: teólogo do Concílio Vaticano nascido há 100 anos*. A edição número 102, da *IHU On-Line*, de 24-05-2004, dedicou a matéria de capa à memória do centenário de nascimento de Karl Rahner. Os Cadernos Teologia Pública publicaram o artigo *Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner*, de autoria do Prof. Dr. Érico João Hammes. (Nota da ***IHU On-Line***)

[13] Cf. SOBRINO, J. *O princípio da misericórdia*: Descer da cruz os povos. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 13.

[14] Cf. SOBRINO, J. *A fé de Jesus Cristo*: Ensaio a partir das vítimas. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 13-15 (Col. Teologia e Libertação).

impacto consistiu, essencialmente, na percepção de uma nova realidade: os pobres e as vítimas, produto do pecado e da opressão humanas. Significou conhecer o Deus dos pobres e os pobres, para quem a tarefa mais urgente é sobreviver e o destino mais próximo é a morte lenta.

Esse despertar teve conseqüências decisivas para a sua vida religiosa e eclesial. Os interesses intelectuais, as certezas e as dúvidas de fé, as perguntas teológicas, exigem honradez com a trágica realidade histórica de repressão e das mortes, massivas e injustas. Tudo isso o levou a perceber não só a existência de Deus, mas também dos ídolos; não só do ateísmo, mas também da idolatria, e a descobrir a correlação transcendental entre Deus e os pobres. Os pobres e as vítimas são sacramentos de Deus e presença de Jesus em nosso meio.

Essa percepção significou uma mudança radical na compreensão do fazer teológico o qual sem ignorar o *intellectus fidei*, passou a ser, preferencialmente, *intellectus amoris*, ou seja, uma teologia preocupada em "descer da cruz os povos crucificados" e, por isso mesmo, *intellectus misericordiae*, *intellectus iustitiae*, *intellectus liberationis*. Essa teologia é também *intellectus gratiae* e a graça passou a fazer parte de sua teologia não como tema específico a ser tratado, mas como dom de Deus que fecunda e alimenta o labor teológico. Para Jon Sobrino, conceber a teologia como *intellectus amoris*, ineligência da realização do amor histórico pelos pobres e do amor que nos torna afins à realidade de Deus, é a maior novidade teórica da Teologia da Libertação, tornando-a mais bíblica e mais relevante historicamente e levando-a a ser mistagógica, oferecendo o amor como caminho primário que nos torna semelhante a Deus.

A publicação de sua primeira obra (*Cristologia a partir da América Latina: Esboço a partir do seguimento do Jesus histórico*), em 1976, fruto de um curso ministrado no ano anterior, no Centro de Reflexão Teológica de San Salvador, assinala sua incorporação pública entre os teólogos da libertação. A partir dessa data, destacou-se o A. por sua ampla produção teológica, publicada em livros e revistas. No panorama da Cristologia latino-americana, suas obras tornaram-se ponto de referência obrigatório[15].

Sobrino sublinha um estancamento na teologia da ressurreição por duas causas. Porque a ressurreição, remetendo ao futuro da história, não parece dizer nada que seja importante para o presente e porque a esperança redescoberta pela nova teologia generalizou-se em demasia. Embora relevante, é uma esperança precipitadamente universal e não capta a parcialidade que lhe é essencial, pois a ressurreição de Jesus é esperança, diretamente, para as vítimas[16].

Jon Sobrino está de acordo com a insistência de J. Moltmann[17] de que a ressurreição de Cristo não pode ser

---

[15] Cf. HAMMES, Érico João. "*Filii in Filio*". A divindade de Jesus como evangelho da filiação no seguimento. Um estudo em J. Sobrino. 1995. Tese (Doutorado em Teologia Sistemática) – PUG – Pontificia Universidade Gregoriana, Roma, 1995, p. 67 e 81-86 (Cf. BOMBONATTO, Vera Ivanise. *Seguimento de Jesus*: Uma abordagem segundo a cristologia de Jon Sobrino. São Paulo: Paulinas, 2002, p. 21-26).

[16] O A. reconhece, ao longo de sua teologia, a riqueza da influência da nova teologia da esperança, a influência de Ernest Bloch, de Pannenberg e de Moltmann, mas afirma que a universalidade da esperança se capta desde a parcialidade das vítimas (Cf. SOBRINO, J. *A fé de Jesus Cristo*: Ensaio a partir das vítimas. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 70-74 (Col. Teologia e Libertação)).

[17] **Jürgen Moltmann** (1926): professor emérito de Teologia da Faculdade Evangélica da Universidade de Tübingen. Um dos mais importantes teólogos vivos da atualidade. Foi um dos inspiradores da Teologia Política nos anos 1960 e influenciou a Teologia da Libertação. É autor de ***Teologia da Esperança***, São Paulo: Herder, 1971 e ***O Deus Crucificado. A cruz de Cristo, fundamento e crítica da teologia cristã***, ***Deus na Criação. Doutrina Ecológica da Criação***. Vozes: Petrópolis, 1993, entre outros. Confira a entrevista de Jürgen Moltmann, um dos maiores teólogos vivos, na ***IHU On-Line*** n.º 94, de 29-03-2004. Desse autor a Editora Unisinos publicou o livro ***A vinda de Deus. Escatologia cristã***. São Leopoldo, 2003. O professor Susin apresentou o livro ***A Vinda de Deus: Escatologia Cristã***, de Jürgen Moltmann, no evento ***Abrindo o Livro*** do dia 26 de agosto de 2003. Sobre o tema, confira na ***IHU On-Line*** número 72, de 25-08-2003, a entrevista do Prof. Dr. Frei Luiz Carlos Susin. A edição 23 dos Cadernos

reduzida a questões doutrinais, existenciais ou históricas. A ressurreição não pode ser considerada à margem da cruz ou cruzes do mundo. Não pode, assim, ser tratada independentemente da missão eclesial de trabalho em prol da justiça e da libertação[18]. Com esta delimitação, busca os pressupostos que ajudem a captar a ressurreição do Crucificado na caducidade da história.

2) A Ressurreição como revelação da Justiça de Deus

As vítimas deste mundo são o lugar substancial donde brota a cristologia sobriniana e, ao mesmo tempo, onde podem ser encontrados os seus destinatários privilegiados. São o "a partir de onde" e o "para onde" de sua cristologia[19].

A correlação entre Jesus e as vítimas estabelece um círculo hermenêutico: de um lado, as vítimas ajudam a entender os textos cristológicos e a conhecer melhor a Jesus; de outro, Jesus ajuda a compreender melhor as vítimas e a defendê-las. A partir desse círculo hermenêutico, Jon Sobrino introduz os pobres[20] e as vítimas no âmbito da realidade teologal, e é defendendo-as que faz teologia, uma teologia comprometida em fazer os povos crucificados descerem da cruz[21]. Na situação concreta dos povos crucificados, surgem, por sua própria natureza, as mais desafiadoras perguntas em relação à ressurreição: é possível compreender e refazer hoje, ainda que seja de forma analógica, a experiência dos primeiros cristãos? Quais as possibilidades de viver como ressuscitados nas atuais condições históricas? O povo crucificado pode ter esperança de ser também um povo ressuscitado? Que significa crer que Deus é o Deus da vida, que faz justiça a uma vítima inocente, ressuscitando-a da morte?[22]

Pergunta-se, ainda, como pode captar-se e compreender o viver, já agora na história, como ressuscitados? Como compaginar o senhorio de Cristo e a miséria reinante neste mundo?

Sobrino nos apresenta caminhos específicos para captar a teologia da ressurreição de Jesus e nos instiga a buscar hermenêuticas libertadoras. As vítimas são o *locus* privilegiado para captar a ressurreição do Crucificado. Ele nos mostra a riqueza da revelação de Deus nos mais pobres e injustiçados. Nos apresenta, finalmente, a dimensão escatológica da Ressurreição em nossa história e a ressurreição como revelação da justiça de Deus. Uma utopia para viver no seguimento de Jesus e uma promessa que nos abre a um futuro de esperança.

A ressurreição de Jesus é origem e fundamento da fé. Não é um mero problema histórico. Nós nos encontramos aí diante da natureza mesma de Deus e de seu modo de relacionar-se conosco e com toda a criação. Daí a importância da compreensão e práxis da pesquisa no horizonte da ressurreição de Jesus.

Investigar quais são os pressupostos para se poder entender hoje do que se trata quando os discípulos afirmam que Jesus foi ressuscitado e que eles se encontraram com o Ressuscitado é tarefa importante, mas queremos acrescentar que, para o cristão, além disso, não é optativa. Seria um contra-senso, de fato, afirmar que a ressurreição é central à nossa fé e não

---

Teologia Pública, de 26-09-2006, tem como título *Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A teologia ecológica de Jürgen Moltmann,* de autoria de Paulo Sérgio Lopes Gonçalves. (Nota da ***IHU On-Line***)

[18] "A primeira pergunta que se dirige à Igreja, precisamente quando quer anunciar a ressurreição de Jesus, é se está na verdade junto à cruz e junto às inumeráveis cruzes da história" (Cf. SOBRINO, J. *Cristologia a partir da América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1983. p. 228).

[19] Conseqüentemente, o "lugar" de sua teologia deixa de ser um *ubi* categorial, um lugar geográfico-espacial concreto – universidades, seminários, comunidades de base, cúrias episcopais..., embora os inclua - e passa a ser um *quid*, uma realidade substancial que contamina, questiona e ilumina a reflexão cristológica do autor.

[20] Na Constituição pastoral *Gaudium et Spes*, o problema da promoção humana não pode ser posto à margem da relação com Deus (n. 43-44)

[21] SOBRINO, J. *A fé de Jesus Cristo*: Ensaio a partir das vítimas, Petrópolis: Vozes, 2000, p. 20 (Col. Teologia e Libertação).

[22] Idem, p. 29.

compreender sequer do que se está falando quando a mencionamos[23].

Além dos problemas da diversidade de expressões (ressurreição, exaltação, vida, está vivo...) e da manifestação dos diferentes contextos históricos bem como de uma realidade que não é conhecida diretamente, falar da ressurreição de Jesus traz consigo o desafio da hermenêutica[24]. É um acontecimento escatológico, ou seja, é a aparição na história da realidade final da história. Por esta razão, é fundamental levantar a questão hermenêutica diante deste acontecimento concreto, que não é só do passado, mas escatológico. Esta constatação é já uma forma de introduzir-nos na mensagem da ressurreição, à maneira de teologia negativa: a impossibilidade de encontrar uma linguagem adequada exige também a disponibilidade para um certo não-saber necessário para se saber do mistério último e daquilo que a ressurreição tem de participação nele[25].

O ponto de partida de Sobrino é a pergunta pelo horizonte hermenêutico, desde o qual se deve compreender a ressurreição. Não se trata de estabelecer a historicidade ou, menos ainda, a verdade das tradições sobre a ressurreição de Jesus (das aparições ou/e do túmulo vazio), mas, sim, da compreensão da ressurreição de Jesus a partir da esperança das vítimas – ligada à correlativa revelação de Deus como o Deus das vítimas – e levando em conta a possibilidade de viver já como ressuscitados nas condições da existência histórica[26].

Mesmo que se tenha assentado a historicidade de um acontecimento do passado, deve-se perguntar, em geral, pelo sentido deste acontecimento no presente, separado por uma distância histórica. Hoje não podemos identificar-nos sem mais com o horizonte de compreensão que possuíam os cristãos primitivos; por isso surge o problema hermenêutico: o que significam os acontecimentos de Jesus, hoje, que óptica é necessária para que se depreenda seu sentido a partir de nosso horizonte atual, separado historicamente por vinte séculos e geograficamente pela situação de terceiro mundo[27].

Antes de fazer sua própria proposta, o autor apresenta alguns horizontes da teologia européia e latino-americana que tem exercido influência em seu olhar teológico sobre a ressurreição. Sobrino, em suas colocações acerca da teologia da ressurreição respeita, dialoga, confronta e valoriza o estudo de outros teólogos, buscando fazê-lo a partir do contexto atual, principalmente dos "crucificados da história"[28].

---

[23] Idem, p. 33.

[24] Hemenéutica (del griego hermeneuein = explicar, interpretar) es la ciencia de los principios que son válidos para la interpretación de una afirmación (Cf. RANHER, K; VORGRIMLER, H. *Diccionario Teológico*, p. 295; cf. LÉON- DUFOUR, X., op. cit., p. 265-311). "La hermeneutica no se limita a explicar los textos, sino que pretende comprender y expresar su sentido hoy y para mí" (Id., p. 265). O filósofo Gadamer considera a hermenêutica como "arte de compreender". Para ele, a hermenêutica interpreta textos e também os relacionamentos humanos. Extrai significado das palavras e das experiências que são textos de vida (Cf. GADAMER, H. *L'Art de Comprendre* – II. Paris: Aubier, 1991, p. 57). Este filósofo não é citado por Jon Sobrino explicitamente, mas a compreensão do autor salvadorenho de hermenêutica se encontra muito próxima.

[25] SOBRINO, J. *A fé de Jesus Cristo*: Ensaio a partir das vítimas. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 37 (Col. Teologia e Libertação).

[26] Idem, p. 9.

[27] Cf. SOBRINO, J. *Cristologia a partir da América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1983, p. 245.

[28] "Os crucificados da história" é uma expressão que o A. tomou a partir da influência de seu amigo I. Ellacuría. Sublinha a principalidade intelectiva, a "principalidade da realidade" e a "principalidade da essência. Nesta etapa já coloca as bases da superação do individualismo e do positivismo. Físico não é sinônimo de empírico ou positivo, mas que é o real, susceptível de uma dupla consideração, positiva e metafísica. E é nessa realidade onde o ser humano, por ser essencialmente aberto às coisas, não em todas, mas sim em muitas circunstâncias, pode interpor um esboço de possibilidades. Aí radica precisamente a importância da práxis histórica. A este respecto ver CASTELLÓN MARTÍN, José Joaquín. *Ellacuría y la filosofía de la práxis*. Huelva: Hergué, 2003, p. 42.